

## Índice

Prefácio de Karen V. Kukil	9
Nota da Edição Original	11

### *Diários*

Julho de 1950 — Julho de 1953	15
22 de Novembro de 1955 — 18 de Abril de 1956	217
15 de Julho de 1956	271
22 de Julho de 1956 — 26 de Agosto de 1956	281
3 de Janeiro de 1957 — 11 de Março de 1957	303
15 de Julho de 1957 — 21 de Agosto de 1957	321
28 de Agosto de 1957 — 14 de Outubro de 1958	341
12 de Dezembro de 1958 — 15 de Novembro de 1959	495

### *Apêndices*

1. Fragmento de Diário: 17-19 de Outubro de 1951	615
2. Mandamentos do Regresso às Aulas	620
3. Fragmentos de Diário: 24 de Março de 1953 — 9 de Abril de 1953	622
4. Fragmento de Diário: 19 de Junho de 1953	624
5. Carta: Junho — Julho de 1953	626
6. Fragmento de Diário: 31 de Dezembro de 1955 — 1 de Janeiro de 1956	630
7. Diário: 26 de Março de 1956 — 5 de Abril de 1956	636
8. Fragmento de Diário: 1 de Abril de 1956	655
9. Fragmento de Diário: 16 de Abril de 1956	657
10. Diário: 26 de Junho de 1956 — 6 de Março de 1961	658
11. Diário: Junho de 1957 — Junho de 1960	699

12. Carta: 1 de Outubro de 1957	709
13. Fragmento de Diário: 5 de Novembro de 1957	713
14. Apontamentos do Hospital	716
15. Diário: 1962	723
Notas	775
Agradecimentos	807

1.

*Julho de 1950* — Posso nunca vir a ser feliz, mas hoje estou contente. Nada mais do que uma casa vazia, o cálido e brumoso cansaço de um dia passado ao sol, a plantar rebentos de morangueiro, um copo de leite fresco e doce, e um prato de mirtilos banhados em natas. Agora percebo que se possa viver sem livros, sem universidade. Quando se chega ao fim do dia tão cansado, temos de dormir, e no dia seguinte há mais morangos para plantar, e deste modo a vida continua, rente à terra. Em alturas como esta, digo a mim mesma que é tolice pedir mais do que isto...

...

2.

Hoje, no morangal, o Ilo<sup>1</sup> perguntou-me, “Gostas dos pintores renascentistas? De Rafael, de Miguel Ângelo? Em tempos copiei alguns trabalhos de Miguel Ângelo. E que opinião tens do Picasso?... Desses pintores que desenham um círculo e uma tabuinha na vertical a fazer de perna?” Estávamos a trabalhar ao lado um do outro na fiada, e ele passava algum tempo calado, depois começava de repente a falar, com o seu forte sotaque alemão. Endireitava-se, o rosto inteligente e moreno enrugado pelas gargalhadas. O seu corpo entroncado e musculoso muito bronzeado, os cabelos loiros encafuados sob o lenço branco que amarrou à cabeça. Perguntou-me, “Gostas do Frank Sinatra? Tão sendimental, tão romândico, tão noites de luar, *Ja?*”

...

3.

Um súbito feixe de luz azulada a incidir de viés no soalho de um quarto vazio. E eu soube que não era a luz da rua, mas o luar. Numa noite assim, há coisa mais maravilhosa do que ser uma virgem, pura, incólume e jovem?... (ser violada)<sup>2</sup>

...

4.

Serão pavoroso. Por culpa de tudo. Da peça *Goodbye My Fancy*, do desejo que senti, tão tipicamente adolescente, de ser, como a heroína, uma repórter nas trincheiras, e amada por um homem que me admirasse, que me compreendesse tanto como eu me compreendo a mim mesma. E depois o Jack, que se esforçou tanto por ser amável, e que ficou sentido quando eu lhe disse que a única coisa que ele queria era dar uns beijos. Depois o jantar no clube de campo, por todo o lado a opulência do dinheiro. E a seguir o disco... tão bom para dançar. Só o reconheci quando o Louie Armstrong começou a cantar com uma voz rouca de mágoa: “*I’ve flown around the world in a plane, settled revolutions in Spain, the North*

*pole I have charted [...] still I can't get started with you.*” O Jack perguntou-me, “Já o conhecias?” E eu sorri, “Ah, sim.” Foi o Bob<sup>3</sup>. Isto decidiu-me — um disco muito louco, e as nossas longas conversas, com ele atento e compreensivo. E percebi que o amava.

...

5.

Hoje à noite vi a Mary. Eu e o Jack estávamos a abrir caminho por entre a multidão, à saída do teatro, e ela vinha na direcção contrária, de casaco azul-escuro. Mal a reconheci, de olhos baixos e rosto maquilhado. Mas linda. “Tenho-te procurado por toda a parte”, disse eu. “Mary. Telefona-me, escreve-me.” Ela sorriu, um pouco como a Mary que eu conheci, e desapareceu. Eu sabia que nunca voltaria a ter uma amiga exactamente como ela. Assim, saí de vestido branco, casaco branco, com um rapaz rico. E odiei-me pela minha hipocrisia. Adoro a Mary. A Betsy é apenas divertida; histericamente divertida. A Mary sou eu... aquilo que eu teria sido se fosse filha de pais italianos e tivesse nascido na Linden Street.<sup>4</sup> Ela é uma criatura cheia de vitalidade, trabalha como modelo para artistas, é a personificação da vida. Às vezes pode ser brusca, e pouco de fiar, mas significa para mim mais do que todas as raparigas bonitas, abastadas, artificiais que algum dia poderei conhecer. Talvez seja o meu ego. Talvez eu suspire por alguém que nunca possa ser meu rival. Mas com ela posso ser sincera. Mesmo que a Mary fosse prostituta, ser-me-ia completamente indiferente; jamais renegarei a amizade dela...

...

6.

Hoje é primeiro de Agosto. Dia quente, húmido, abafado. Está a chover. Sinto-me tentada a escrever um poema. Mas recordo a nota com que me recusaram um poema: Sempre que há um forte aguaceiro, de todo o país chovem poemas intitulados CHUVA.

7.

Eu gosto das pessoas. De toda a gente. Gosto delas, penso, como um coleccionador de selos gosta da sua colecção. Cada história, cada incidente, cada fragmento de conversa constitui para mim matéria-prima. O meu amor não é impessoal, mas também não é inteiramente subjectivo. Gostaria de ser toda a gente — um aleijado, um moribundo, uma puta — e depois regressar para escrever os meus pensamentos, as minhas emoções, na pele dessa pessoa. Mas não sou omnisciente. Tenho de viver a minha vida, que é a única que alguma vez terei. E não podemos estar sempre a encarar a nossa própria vida com uma curiosidade objectiva...

...

8.

Comigo, o presente é para sempre, e o para sempre está sempre em movimento, fluindo, dissipando-se. Este segundo é vida. E depois de ter passado, está morto. Mas não podemos recomeçar a cada segundo. Temos de julgar com base no que está morto. É como areia movediça... sem esperança desde o início. Um conto, um quadro, podem renovar um pouco a sensação, mas nunca o bastante, nunca o bastante. Nada é real excepto o presente, e eu sinto desde já o peso de séculos a sufocar-me. Há cem anos, alguma rapariga terá estado tão viva como eu. E agora está morta. Eu sou o presente, mas sei que também irei passar. O momento alto, o clarão ardente, tão cedo chegam como partem, um contínuo atoleiro de areias movediças. E eu não quero morrer.

...

9.

Há coisas sobre as quais é difícil escrever. Depois de um acontecimento, registamo-lo por escrito, e das duas uma: ou acrescentamos-lhe dramatismo ou retiramos-lhe importância, enfatizando as partes erradas ou passando por alto as importantes. Seja como for, nunca o registamos exactamente como queríamos. Acabei de descrever o que me aconteceu esta tarde. Não posso contar à mãe<sup>5</sup>, pelo menos por enquanto. Quando cheguei a casa, ela estava no meu quarto, preocupada com as roupas, e nem suspeitou que tinha acontecido alguma coisa. Continuou simplesmente a resmungar e a tagarelar, interminavelmente. E não fui capaz de a interromper e contar-lhe. Independentemente do modo como saia, tenho de o escrever.

Choveu a tarde toda na quinta<sup>6</sup>, e eu estava molhada e com frio, o cabelo preso sob um lenço de seda estampada, com o meu casaco de esqui vermelho por cima da camisola. Tinha estado a trabalhar nos feijoeiros toda a tarde, e colhi três arrobas deles. Como já eram cinco horas, o pessoal estava a despegar, e eu estava ao pé dos carros, à espera de boleia para casa. A Kathy tinha acabado de chegar, e no momento em que subia para a bicicleta exclamou, “Aí vem o Ilo.”

Eu olhei, e ali estava ele de facto, a subir a estrada, com a sua velha camisa de caqui e o habitual lenço branco na cabeça. Temos conversado desde aquela tarde em que trabalhámos juntos no morangal. Ele tinha-me dado um desenho à pena, de traços seguros e minuciosos. Agora está a trabalhar no retrato de um dos rapazes.

Por isso, perguntei-lhe, “Já acabaste o retrato do John?”

“Oh, *ja, ja*”, sorriu. “Vem ver. Tua última oportunidade.” Ele tinha prometido mostrar-mo quando estivesse acabado, por isso aproximei-me

dele e seguimos juntos para o celeiro. É onde ele dorme. No caminho para lá, passamos pela Mary Coffee, e eu senti que ela me deitava um olhar estranho. Não sei porquê, não consegui olhá-la nos olhos.

“Olá, Mary”, disse o Ilo.

“Olá, Ilo”, respondeu ela, num tom invulgarmente morno.

Passámos pela Ginny, a Sally e um grupo de miúdos, que estavam abrigados no barracão do tractor. Um alarido subiu no ar à nossa passagem. Alguém cantarolou, “Oh, Sylvia.” Senti as faces a arder.

“Porque é que estão sempre a meter-se comigo?”, perguntei. O Ilo limitou-se a soltar uma gargalhada. Caminhava muito depressa.

“Estamos quase a ir embora”, gritou o Milton, dos lavabos. Eu acenei com a cabeça e continuei a andar, de olhos no chão. Depois estávamos no celeiro, um espaço gigantesco, de tecto muito alto, que cheira a cavalos e a feno humedecido. Estava escuro lá dentro; pareceu-me ver alguém do outro lado das cocheiras, mas não tinha a certeza. Sem dizer palavra, o Ilo começou a subir por umas estreitas escadas de madeira.

“Vives lá em cima? Tantos degraus?”

Ele continuou a subir, e por isso segui-o, hesitando ao chegar ao topo.

“Entra, entra”, disse ele, abrindo uma porta. O retrato estava ali, no seu quarto. Atravessei o umbral. Era um espaço exíguo, com duas janelas, uma mesa cheia de material de desenho e uma enxerga coberta com uma manta escura. Em cima duma mesa havia laranjas, leite e um rádio.

“Cá está”, disse ele, mostrando-me o desenho. Era um belo esboço à pena da cabeça do John.

“Bem, como é que fizeste isto? Com a parte lateral do lápis?”

Na altura não dei importância ao facto, mas agora lembro-me que ele tinha fechado a porta e ligado o rádio, que passava música.

Ele estava a falar muito depressa, enquanto me mostrava o lápis. “Repara, aqui a grafite sai, dá para fazer qualquer tamanho.” Eu sentia fortemente a proximidade dele. Os seus olhos azuis a uma proximidade alarmante, audaciosamente fixos em mim, com cintilações de riso.

“É melhor ir andando. Eles devem estar à minha espera. O retrato está fantástico.”

Sorridente, ele estava entre mim e a porta. Um gesto. A mão dele no meu braço. E de repente a boca dele sobre a minha, dura, impetuosa, com a língua a dardejear entre os meus lábios, os braços como ferro à minha volta, enquanto eu esbracejava inutilmente contra a sua enorme força. Por fim, ele soltou-me e deu um passo atrás. Eu levei a mão à boca, quente e pisada do beijo dele. Ele olhou-me com um ar zombeteiro, com um ar entre surpreso e divertido, ao ver que eu estava a chorar, assustada. Nunca

ninguém me tinha beijado desta forma, e eu fiquei ali, inundada de desejo, electrizada, a tremer.

“Pronto, pronto”, disse ele num tom compreensivo, tranquilizador. “Vou-te buscar um copo de água.”

Encheu um copo e eu bebi. Depois abriu a porta e eu desci as escadas aos tropeções, meio cega, passando pela Maybelle e pelo Robert, os dois miúdos de cor, que chamaram por mim no tom licencioso com que as crianças dizem as coisas. E também pela Mary Lou, a mãe deles, que estava ali, uma presença silenciosa, sombria.

E cheguei ao exterior. Ia a passar um camião. Surgido das traseiras do celeiro. Ao volante ia o Bernie — o rapaz horrível, baixo e musculoso, das casas de banho. Vi-lhe nos olhos um brilho de prazer malicioso, e como ia muito depressa, não o pude apanhar. Teria ele estado no celeiro? Teria visto o Ilo fechar a porta, e eu a sair do quarto? Penso que sim.

Passei pelas casas de banho em direcção aos carros. O Bernie gritou, “Porque é que estás a chorar?” Eu não estava a chorar. O Kenny e o Freddy chegaram no tractor. Um grupo de rapazes, a caminho de casa, olhou para mim com uma luzinha algures nos olhos. “Ele beijou-te?”, perguntou um deles, com um sorriso de entendido.

Eu sentia-me enjoada. Não conseguiria responder se alguém me dirigisse a palavra. Sentia a voz encalhada na garganta, a língua presa.

O Sr. Tompkins veio até à bomba para ver o Kenny e o Freddy porem o carro de corridas a funcionar. Foram simpáticos, mas sabiam. Todos eles deviam saber.

“Olha a belezinha”, disse o Kenny.

“Belezinha com cara de anjo”, disse o Freddy.

Deixei-me ficar ali, de braços cruzados, a olhar fixamente para o ruidoso motor, sorrindo como se estivesse tudo bem, como se nada tivesse acontecido.

No regresso a casa, o Milton veio sentado ao meu lado no assento trepidante. O David conduzia, e o Andy seguia na parte da frente. Todos me fitavam com uma luz a dançar-lhes nos olhos.

O David disse, numa voz tensa e fria, “Todos os que estavam nas casas de banho começaram a dizer piadinhas quando te viram entrar no celeiro.”

O Milton perguntou-me pelo esboço. Falámos um pouco sobre arte e desenho. Foram todos tão simpáticos. Penso que devem ter-se sentido aliviados por eu ter escapado por um triz; talvez esperassem ver-me chorar. Mas eles sabiam; sabiam.

Portanto, estou em casa. E amanhã vou ter de encarar toda a maldita quinta. Santo Deus, é como se tivesse sonhado. Neste momento, quase

acredito que foi um sonho. Mas amanhã o meu nome vai andar em todas as bocas. Gostava de mostrar sofisticação, ou desenvoltura. Mas estou demasiado assustada. Se ele ao menos não me tivesse beijado. Vou ter de mentir e dizer que não aconteceu nada. Mas eles sabem. Sabem todos. E que posso eu contra tantos...?

...

10.

Hoje de manhã arrancaram-me os dois últimos dentes do siso. Às nove, entrei no consultório do dentista. Rapidamente, cheia de pressentimentos funestos, sentei-me na cadeira após um breve e furtivo olhar em volta, em busca de evidentes instrumentos de tortura, como brocas ou máscaras de gás. Não vi nada disso. O dentista prendeu-me a babete em volta do pescoço; eu estava quase preparada para o ver meter-me uma maçã na boca e espalhar-me na cabeça raminhos de salsa. Mas não. Tudo o que fez foi perguntar, “Gás ou novocaína?” (Gás ou novocaína. Eh! Eh! Quer saber o que temos em *stock*? Morte pelo fogo ou por afogamento, a tiro ou na forca. Fazemos tudo para agradar aos nossos clientes.) “Gás”, respondi com firmeza. A enfermeira esgueirou-se por detrás de mim, colocou-me sobre o nariz um objecto oval, de borracha, cujos tubos me faziam agradáveis cócegas nas bochechas. “Respire devagar.” O gás infiltrou-se, estranho e docemente enjoativo. Procurei não lhe oferecer resistência. O dentista colocou-me algo na boca, e o gás começou a entrar em grandes golfadas. Eu tinha estado de olhar fixo na lâmpada, que estremecia, vibrava, fragmentando-se em minúsculas cintilações. Toda a constelação de fragmentos iridescentes começou a oscilar num arco rítmico, inicialmente devagar, depois cada vez mais depressa. Agora já não precisava de fazer um esforço para respirar; algo estava a ser bombeado para os meus pulmões, produzindo um estranho zunido quando eu expirava. Senti a minha boca abrir-se num sorriso. Então era assim que... tão simples, e ninguém me havia dito. Tinha de escrever sobre isto, de o descrever, antes de me apagar. Imaginei que a minha mão direita era a ponta do arco,  encurvado para cima, mas no instante em que ela tomava posição, o arco oscilava noutra direcção, adquirindo velocidade. Que espertos eles são, pensei. Mantêm em segredo a sensação, não nos deixando sequer escrever sobre ela. E então dei por mim num navio pirata, com o rosto do capitão a perscrutar-me por detrás da roda do leme, enquanto a girava, pilotando o barco. Havia colunas de folhas negras e verdes, e ele estava a dizer em voz alta, “Muito bem, feche devagar, devagar.” Então a luz do Sol irrompeu na sala através das persianas; inspirei fundo, enchendo os pulmões de ar. Podia ver os meus pés, os meus braços; ali estava eu.

Fiz um esforço para regressar ao meu corpo... os meus pés estavam tão longe. Ergui as mãos, levei-as à cabeça; estavam a tremer. Tinha chegado ao fim... até ao próximo sábado.

...

11.

Emile. Aqui está; o nome dele. E que posso eu dizer? Posso dizer que ele me ligou no sábado às nove da noite, quando ainda me sentia fraca por causa dos dentes do siso arrancados nessa manhã. Posso dizer que saímos com outro casal, que estivemos a dançar no Ten Acres, que ao longo da noite bebi cinco copos de fulvo e borbulhante *ginger ale*, enquanto os outros bebiam cerveja. Mas não é isto. De modo algum. Foi assim. Arranjei-me devagar, retocando-me, perfumando-me, empoando-me. Sentei-me no andar de cima, no crepúsculo húmido e cinzento, com a chuva a escorrer lá fora, enquanto a família conversava e se ria no alpendre com os convidados. Isto, pensei, é a cena da virgem americana, vestida para seduzir. Sei que estou a caminho duma noite de prazer sexual. Saímos, namoriscamos e, se formos boas raparigas, só vamos até certo ponto. E é assim. Entrámos no bar e sentámo-nos, dois a dois. Ele e eu tivemos de superar a estranheza inicial. Começámos a falar... sobre o funeral a que ele assistiu hoje de manhã, sobre o seu primo de vinte anos que partiu a coluna e vai ficar paralisado para sempre, sobre a sua irmã que morreu de pneumonia há doze anos. “Santo Deus, estamos mórbidos hoje”, disse ele com um estremecimento. E depois, “Sabes uma coisa de que sempre gostei... Ou melhor, de que sempre quis gostar? Olhos escuros e cabelos louros”. Depois falámos de pequenas coisas, de como as palavras perdem o sentido quando as repetimos muitas vezes; de como os negros parecem todos iguais enquanto não os conhecemos individualmente; de como sempre preferimos a idade que temos. “Tenho pena do Warrie”, disse ele, apontando com o queixo o outro rapaz. “Tem vinte e dois anos, acabou de sair de Amherst, e tem de trabalhar para o resto da vida... Quando penso... que só me faltam dois anos para acabar o curso.”

“Eu sei, sempre odiei aniversários.”

“Pareces mais velha do que és.”

“Não percebo”, disse eu, “como é que as pessoas aguentam envelhecer. Completamente secas por dentro. Quando somos jovens, somos tão auto-confiantes. Nem sequer precisamos muito da religião.”

“Serás católica, por acaso?” Perguntou isto num tom de quem o achava bastante improvável.

“Não. E tu?”

“Sou.” Disse-o em voz baixa.